

Senhor Presidente do Governo dos Açores

Exm^{as}. Autoridades

Senhoras e Senhores

1. É, para mim, uma grande honra participar no "I Fórum Açoriano Franklin Roosevelt", que pretende colocar a Região Autónoma dos Açores no mapa do pensamento sobre relações internacionais e da estratégia atlântica, organizado pela Fundação Luso-Americana, a cuja criação estou ligado, com o apoio da Fundação Franklin D. Roosevelt e o alto patrocínio do Governo Regional e do seu ilustre Presidente, Carlos César.

2. Quero começar por agradecer o convite que me foi dirigido pelo administrador da FLAD, Mário Mesquita, querido Amigo, que aceitei com enorme prazer.

3. Bastaria a evocação do nome de Franklin D. Roosevelt, Presidente da República Federal Americana, durante vários mandatos, para que o Fórum que tem o seu nome tivesse, necessariamente, uma enorme

dimensão política, social - e fosse de grande actualidade - no momento especialmente conturbado que o Mundo atravessa.

4. Com efeito, Roosevelt foi um dos políticos e dos homens de Estado, do século XX, que mais admiro, ao nível de Churchill, Ghandi, Gorbachev, Nelson Mandela, entre alguns outros, que marcaram o século passado. Foi, incontestavelmente, um dos grandes vencedores da II grande guerra mundial, que derrotou o nazi-fascismo, e, antes disso, criador, com grande êxito, do New Deal, política de desenvolvimento económico e social de inspiração keynesiana, que tanto influenciou, depois, as políticas sociais - e de bem estar - das social-democracias europeias. Foi ainda e, sobretudo, quem mais contribuiu para criar, desde a célebre "Carta do Atlântico", à reunião de São Francisco, a Organização das Nações Unidas (ONU), que, apesar das suas conhecidas fragilidades, evitou que surgisse uma nova "guerra mundial" - com todas os seus crimes e horrores - nos últimos sessenta e três anos.

5. Roosevelt morreu exausto pelo esforço dispendido, no final da guerra na Europa. Já não assistiu à Conferência de Potsdam, onde compareceu o seu sucessor, Harry Truman e, em substituição de Churchill, que apesar de reconhecido vencedor da guerra perdeu as eleições, o trabalhista Clement Atlee, de grande importância, aliás, no pos-guerra visto ter sido ao seu notável governo que coube a adaptação da Inglaterra imperial às políticas modernas e à descolonização (inevitável) do império inglês, a começar pela Índia, a chamada "jóia da Coroa".

6. Franklin Delano Roosevelt esteve nos Açores, durante a primeira guerra mundial, na qualidade de sub-secretário de Estado da Marinha, em 16 de Julho de 1918, numa breve escala na Horta e Ponta Delgada, a caminho da Europa, onde ainda se encontravam forças americanas em combate. Gostou imenso dos Açores e compreendeu o seu interesse geoestratégico no Atlântico Norte, como resulta de uma publicação muito interessante publicada por Mário Mesquita, em 1986, intitulada "A escala de Roosevelt nos Açores durante a primeira guerra mundial".

7. O tema que me indicaram para modestamente tratar, e suscitar a reflexão, neste Fórum, tão rico de interessantíssimas intervenções históricas e políticas, versa sobre "As relações transatlânticas numa perspectiva futura", um tema quase impossível. Porquê? Porque no mundo conturbado do nosso tempo - onde tantas variáveis e condicionantes contraditórias se chocam - a imprevisibilidade é a regra mais sábia. Qualquer analista, por mais modesto que seja, deve ter isso em conta.

8. No final do século passado, com a implosão da URSS e o desaparecimento pacífico da cortina de ferro e do muro de Berlim, associados ao colapso do comunismo, como ideologia, pensou-se que o hegemonismo dos Estados Unidos, como hiper-potência dominante e sem paralelo no plano militar, iria assegurar a universalidade da democracia e dos Direitos Humanos. Um conhecido politicólogo americano, Francis Fukuyama, chegou a anunciar, o "fim da história", do que, aliás, já se arrependeu.

9. Em 11 de Setembro de 2001, com os terríveis atentados das Torres Gémeas em Nova Iorque e do Pentágono, em Washington, que tanto nos surpreenderam, o mundo sentiu uma imensa emoção ao compreender a vulnerabilidade da hiperpotência americana. E de todos os Continentes surgiram gestos e vozes solidários com a América. O ataque, porém, não veio de qualquer outro Estado. Veio de um fenómeno, cuja dimensão era desconhecida até então: o terrorismo islâmico global, animado por uma organização, em rede, mal conhecida mas muito eficaz - a Al Qaeda - que tinha um rosto: Osama Bin Laden, que, como uma sombra, ainda hoje não se sabe onde pára, apesar das suas intervenções televisivas, estrategicamente preparadas...

10. A verdade é que sete anos depois, o mundo está radicalmente mudado. O terrorismo global não diminuiu, bem pelo contrário, não obstante o delírio persecutório que, vindo da América, contaminou todo o Ocidente, em manifesta decadência, perante o potencial nascente - e incontornável - dos países emergentes, os quatro mais citados, Brasil, Rússia, Índia e China e outros, sós ou agrupados em regiões, que avultam no horizonte...

11. Sete anos depois importa constatar que os Estados Unidos se enganaram de inimigo: ao atacar o Afeganistão, envolvendo a NATO, numa operação extremamente perigosa e que parece sem saída; atacando o Iraque, sem o aval das Nações Unidas, pelo contrário: tentando marginalizá-las, por forma unilateral; e, sobretudo, procurando combater os

"terroristas", num total desrespeito pelos Direitos Humanos - como nos casos de Guantanamo e Abu Ghraib, entre outros - e pelo Direito Internacional.

12. O prestígio da América no Mundo foi posto em causa, de uma forma quase irremediável. Os conflitos no Próximo Oriente agravaram-se, singularmente, a começar pela guerra latente entre Israel e a Palestina, a invasão do Líbano por Israel e a situação que hoje se vive, de total insegurança, tanto no Afeganistão, como no Iraque, sem esquecer a desestabilização no Paquistão, na Turquia e em outros países da região.

13. O unilateralismo da política americana, que pretendia ser o polícia e o juiz do mundo, marginalizando as Nações Unidas - e classificando alguns países, com critérios morais e religiosos, como pertencendo ao "eixo do mal" - verificou-se não ter consistência, dado que os países emergentes, alguns da Ibero América, da Ásia e da Oceânia, contestam ou discutem hoje com a América, de igual para igual, impondo o multilateralismo.

14. A verdade é que nos últimos anos o neo-liberalismo, imposto como uma ideologia dominante, começou a entrar em acelerada derrapagem. A crise financeira, iniciada na América, tem vindo a agravar-se e a comunicar-se à União Europeia. Com a pré-falência de grandes Bancos, americanos e europeus, as dificuldades de grandes empresas quase centenárias, como a General Motors, parece inevitável que o Ocidente esteja a entrar na maior recessão económica, de que há memória, desde 1929, que teve como resposta, a ascensão do neo-nazismo, na Europa, e

do militarismo exacerbado, como sucedeu na Espanha, com a vitória de Franco e no Japão.

15. Neste início do séc. XXI a crise é mais vasta do que em 1929, porque é uma crise de civilização, visto que, além de financeira e económica, é também política, social, ambiental, energética e alimentar, com os preços do petróleo, do gás, dos minerais e dos produtos alimentares a aumentarem em flecha. É caso para nos perguntarmos: para onde caminha o Ocidente?

16. A União Europeia, nos últimos anos, tem estado paralisada. Mais do que por acção tem pecado por omissão. Fechada sobre os seus próprios problemas - especialmente institucionais - A União tem-se revelado incapaz de jogar, no mundo, o papel que se esperaria do seu ambicioso e inovador projecto e do seu peso demográfico e histórico. Bloqueada pelo não francês e holandês - ou com esse pretexto - conseguiu, laboriosamente, preparar um novo Tratado dito de Lisboa, durante a diligente presidência portuguesa, o qual está de novo paralisado pelo não irlandês. Faltam líderes capazes e com estatura bastante para dar, um novo impulso, tão necessário, à União Europeia...

17. Curiosamente, a América parece estar a sair de um ciclo trágico, com o final do último mandato do Presidente Bush. Com o aproximar das eleições presidenciais, a consciência política, o sentido da responsabilidade, o pioneirismo e o idealismo americanos parecem ter despertado. O melhor do pensamento americano, nas Universidade e fóra

delas, na juventude, nas classes médias e laborais, nas Ciências e nas Artes, parece ter compreendido que é indispensável mudar radicalmente de políticas (sociais, económicas, ambientais e culturais) para evitar que o Ocidente, a começar pela América, entre numa irremediável decadência. O neo-liberalismo esgotou-se. É hoje um factor de crise grave, que só se pode vir a agravar. É indispensável, por isso, mudar de paradigma. A globalização desregulada - fruto de um capitalismo selvagem, dito de casino - só conduz à concentração da riqueza em cada vez menos mãos e a mais pobreza nos países desenvolvidos e no mundo em geral. A globalização tem, pois, de ser consensualmente regularizada, para se poder criar uma nova ordem internacional, que assegure a paz e o desenvolvimento sustentável entre os Povos e as Nações.

18. Foi ao redor desta situação agravada que a candidatura de Barack Obama desencadeou um dinamismo inesperado no eleitorado, portador de mudanças radicais: na América, em primeiro lugar, mas também nas relações euro-americanas, na Ibero América, incluindo Cuba, no Próximo Oriente, nas Nações Unidas e nas relações com os países emergentes.

Obama conseguiu ganhar a corrida para a investidura democrática. Mas, claro, tem de ganhar a McCain, para que a grande mudança que se impõe se torne possível. Não é fácil, mas é possível. Um afro-americano no gabinete oval da Casa Branca representa, por si só, uma revolução cultural nos Estados Unidos. É algo só comparável à vitória de Roosevelt nos anos trinta...

19. É óbvio que a situação na Europa muda se soprar um novo vento político na América, como espero. O que significa que os laços euro-americanos vão tornar-se mais estreitos e fecundos. Portugal - e, portanto, a Região Autónoma dos Açores - só tem a ganhar com isso, dada a posição geo-estratégica que desfruta no Atlântico Norte, também no plano ambiental, climático e de protecção dos Oceanos. A Universidade dos Açores, tão prestigiada já, tem aí um campo de eleição para reforçar os laços científicos simultaneamente com as Universidades dos Estados Unidos e da Europa.

20. O ano de 2008 tem sido um tempo particularmente complexo e imprevisível. Quem diria que o neo-liberalismo, nascido nos Estados Unidos, iria começar a morrer nos próprios Estados Unidos? Quem diria que a Reserva Federal que, através de inversões maciças, iria intervir nos bancos privados americanos para os salvar da falência iminente? Quem diria que seria a política a salvar a economia em crise, como nos tempos de Roosevelt, e não o contrário...? A teoria do "menos Estado, melhor Estado", de deixar aos privados toda a iniciativa, conferindo-lhes a responsabilidade em sectores tão importantes e apetecidos como a saúde, a educação, o trabalho e a previdência social, perde todo o sentido - reparem - na hora das grande aflições, porque até se chega a reclamar novas nacionalizações para salvar as empresas e os bancos das falências anunciadas. Nessa hora, esquece-se a teoria, antes tão agressiva, e todos se voltam para o Estado, como no momento das grandes calamidades naturais, como aconteceu com o furacão Katrina, que destruiu, em parte, Nova Orleans.

21. Permitam-me que volte, para terminar, a um tema aflorado atrás: a como resolver as crises múltiplas que estamos a viver - e ainda agora a procissão vai no adro, a sair da Igreja - e evitar a decadência que espreita o Ocidente? Não há receitas indiscutíveis ou que não levistem polémica. Mas há o bom senso, o pragmatismo e temos os valores éticos do humanismo universalista, que sempre nos inspiraram, a americanos e europeus, e nos permitiram ser capazes, nos momentos difíceis, de ultrapassar as duas grandes guerras mundiais do século passado. Voltemos a esses valores éticos: ao respeito pela Lei, pelos Direitos Humanos, pelo Direito Internacional, à busca persistente da Paz, ao desenvolvimento sustentável, ao respeito pela Natureza e à defesa do nosso Planeta, tão gravemente ameaçado, à luta sem tréguas contra a pobreza - um dos Objectivos do Milénio, subscrito pelos Chefes de Estado dos Cinco Continentes - e completamente esquecidos logo depois de os terem, solenemente, assinado. Sem esses valores não seremos capazes de vencer a violência e o terrorismo.

É a falar que os seres humanos se entendem, apesar da barreira das línguas, que hoje está muito reduzida. Insistamos no diálogo entre civilizações e religiões diversas. No diálogo como factor de paz e de conhecimento do outro.

22. Este I Fórum Açoriano Franklin Roosevelt, realiza-se num momento de grande viragem no mundo, em vésperas das eleições presidenciais americanas, as mais importantes, talvez, desde a primeira

eleição de Roosevelt. Podem, espero, trazer um reforço decisivo aos ideais de paz, quebrar o pessimismo e fazer ressurgir a esperança.

Seja, porém, como for, os Açores, como ponte natural entre as duas costas do Atlântico - num Oceano que fala há muitos séculos português - ao reflectir sobre estratégia geo-política e sobre o pensamento político democrático, está a dar um contributo importante, actualíssimo e a tornar-se uma referência euro-Atlântica, singular, que não devemos menosprezar, dado pertencermos à Península Ibérica, com as raízes culturais que deixou na Ibero-América, em África e que hoje se avolumam, na própria América do Norte, dado o peso que têm os chamados hispânicos (espanhóis e portugueses).

23. Formulo os melhores votos de sucesso para este I Fórum que, inspirado no grande Roosevelt, não pode deixar de ser de paz, de liberdade e de diálogo euro-atlântico-americano.

Ponta Delgada, 17 de Julho de 2008